



Lúcia Maria César Pinheiro Toller

Jovem e com  
e fez da danç

# Com graça e simpatia ela conquistou o Planalto

Arquivo pessoal



STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

É praticamente impossível falar da cultura de Brasília sem mencionar o nome desta pioneira que, em plena adolescência, trocou o Rio de Janeiro para ensinar aos candangos os primeiros passos da dança. Bailarina desde os 10 anos de idade, Lúcia Maria César Pinheiro Toller veio com os pais pouco depois da inauguração da nova capital. Jovem, e com um filho para criar, Lúcia fez da dança seu trabalho e um instrumento de integração entre os moradores.

Aos poucos, a pioneira foi se ambientando com o local e descobrindo o charme e a beleza da cidade que se escondia por trás daquela cortina de poeira. "Eu imaginava que isso aqui fosse uma grande metrópole, mas quando cheguei no aeroporto vi apenas as luzes do Eixão, aquele mato todo ao redor e os redemoinhos que quase levava a gente. Foi aí que me dei conta do que era Brasília", lembra.

O acampamento do Banco do Brasil, na 303 Sul, onde a família foi morar — seu pai era chefe de gabinete do diretor da instituição —, tinha tudo que ela sonhara. Em formato de lâminas, o acampamento oferecia teatro, cinema e salão de jogos. Ali se formaram os primeiros grupos sociais de Brasília. "As pessoas se reuniam para

um bate-papo, se apresentavam e contavam o que os trouxeram para a capital", explica a pioneira.

O espírito de união e solidariedade entre os candangos e a diversidade cultural existente aqui chamou a atenção da dançarina que dividia seu tempo com a educação do filho, o curso normal no Caseb 13, onde fez o 1º grau, e as apresentações na TV Brasília. "A cultura que se formava aqui era interessante, porque cada um trazia de sua região um pouco de seus costumes e suas tradições

como a culinária, a dança e a música".

Frequêntadora assídua do Chevilly, restaurante em estilo alemão, ela guarda na lembrança o traje típico das moças, com aqueles vestidos longos e a música ao vivo. "A gente se sentia na própria Alemanha", afirma Lúcia. Segundo ela, a W3 era um charme, com seus cafés e as boutiques. Bem diferente do centro comercial de hoje. "A fonte luminosa de frente para a Torre de TV, com a água jorrada no ritmo da

música, era o ponto de encontro de muitos casais apaixonados."

A Festas dos Estados era o maior evento cultural de Brasília. Realizada nas entrequadras — nessa época o Teatro Nacional ainda não havia sido construído. A pioneira dançava esbanjando nos pés talento e graça. "A festa era aguardada por todos. Era uma forma de integração e confraternização entre os moradores".

Além de se apresentar aos domingos, na antiga TV Tupi, no Rio de Janeiro, e na TV Brasília, Lúcia

JK, EM UMA VISITA A  
BRASÍLIA DEPOIS DO  
EXÍLIO, ASSINA A  
SAPATILHA DE LÚCIA  
DEPOIS DE UMA  
APRESENTAÇÃO NO  
CLUBE VIZINHANÇA

Toller também ensinava a arte da dança aos filhos dos funcionários públicos, enchendo de graça e poesia os salões da capital federal. Ela deu aulas no Banco da Amazônia, no Clube da Vizinhança, no prédio do INPS, no setor de

# Um filho para criar, a pioneira chegou a Brasília com os pais

## ça uma forma de integração entre os moradores da cidade

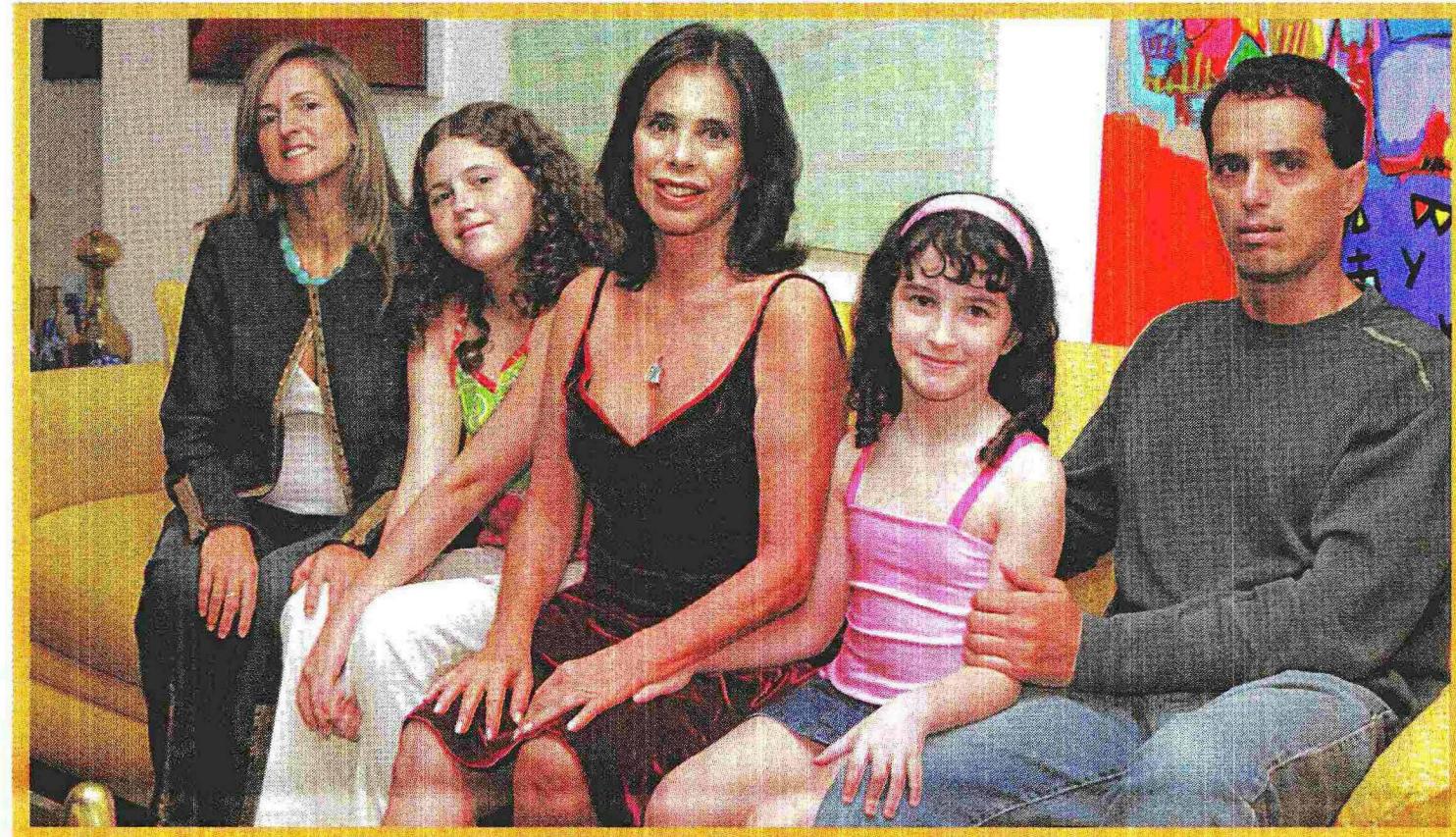
**LÚCIA FEZ DE  
BRASÍLIA A SUA  
CASA E FOI AQUI  
QUE CRIOU OS  
FILHOS E CURTE OS  
NETOS**

Autarquias, na W3 e no Sacré Coeur de Marie, um colégio de freiras. "O colégio não queria me aceitar como professora por ter sido mãe muito cedo e desquitada, apesar de que nessa época eu já estava casada novamente". Com talento e simpatia a jovem dançarina venceu o preconceito e, por meio de um abaixo assinado organizado pelos pais, ela pôde dar aulas no colégio.

As apresentações de balé eram cada vez mais comuns na cidade. Dentre todas as suas apresentações, uma tem um significado especial. Convidada para dançar no Clube Vizinhança pelo então senador Juscelino Kubitschek, que voltava a Brasília depois de anos de exílio, Lúcia se emocionou ao ser cumprimentada pelo ex-presidente. "Ele me perguntou o que poderia fazer por mim. Então eu tirei a sapatilha e pedi a ele que a autografasse", conta. "Ele era muito simpático e pouco tempo depois ele morreu", acrescenta. Segundo a pioneira, Juscelino costumava freqüentar o matinê dançante no Hotel Nacional, local onde também eram realizadas as cerimônias glamourosas do Itamaraty. Foi no Hotel Nacional que Lúcia conheceu de perto a rainha da Inglaterra em sua visita a Brasília. "Ela tinha o rosto muito branco e as faces coradinhas, parecia uma santinha", lembra como viva. Segundo a coreógrafa, era ao redor do Hotel Nacional também que o tri-campeão de Fórmula 1, Nelson Piquet, costumava fazer suas corridas de carro, porque o autódromo ainda não existia.

### Repressão

Os difíceis anos da ditadura chegam e a artista sentiu na pele os



efeitos da repressão. "Os militares trouxeram muita aflição. Era como se existisse uma nuvem pesada sobre nossas cabeças. Tínhamos a sensação de medo, censura, mas por incrível que pareça foi nesse período que consegui trazer, com a autorização dos militares, dois integrantes do Bolshoi a Brasília".

Os representantes do balé mais famoso do mundo — Sulamif Messer e Matirossian — trouxeram um grande impulso para a dança brasiliense. "Com um ano morando na cidade, a bailarina russa queria a todo custo renovar o contrato para mais um ano, o que me colocou na saia justa por causa da confiança depositada pelos militares no nosso trabalho". Depois de uma longa conversa com os representantes daquele país, Lúcia entrou em acordo com a bailarina e ela resolveu voltar para a Rússia.

Os espetáculos produzidos anualmente pela dançarina são uma prova de determinação e amor pela cidade. O *Lake in Brasília*, espetáculo de dezembro passado, é uma homenagem ao

**“  
A CULTURA QUE  
SE FORMAVA  
AQUI ERA  
INTERESSANTE,  
PORQUE CADA  
UM TRAZIA DE  
SUA REGIÃO UM  
POUCO DE SEUS  
COSTUMES E  
SUAS TRADIÇÕES,  
COMO A  
CULINÁRIA, A  
DANÇA E A  
MÚSICA  
”**

grande idealizador, Juscelino Kubitschek, inspirado na tese da professora Iara Kern que reconhece a forte semelhança e coincidência entre a história de Brasília e a antiga cidade egípcia de Akhenaton, de onde o presidente teria buscado inspiração para construir a nova capital.

Hoje, a pioneira dedica a maior parte do tempo em sua academia, na Asa Sul, onde produz, ensaia os espetáculos e dá aulas de dança para professores e alunos. Ela é quem coordena a metodologia da Royal Academy of Dance of London, instituição à qual é filiada e cuja patrona é a própria rainha da Inglaterra. Todo ano a academia recebe examinadores ingleses que verificam a aplicação correta da metodologia para a aplicação dos exames. A academia oferece ainda a seus alunos o melhor da dança clássica e moderna, além da dança flamenca, dança de salão e dança do ventre. Em boa forma física, Lúcia dá continuidade ao seu projeto, que é promover a cultura e a integração dos cidadãos.

## Raio X

**Nome:**  
Lúcia Maria César  
**Pinheiro Toller**  
**Origem:**  
Rio de Janeiro  
**Ano de chegada a**  
Brasília:  
1962  
**Profissão:**  
Professora de dança  
**Estado civil:**  
Viúva  
**Filhos:**  
Filipe, Sérgio e  
Alexander  
**Netos:**  
Maria Emanuela, Filipe  
e Letícia  
**Alguns espetáculos:**  
*Lake in Brasília*; *Sweet Quebra-Nozes* na  
Brodway; *Cinderela* no  
século XXI; *Paquita*;  
*Concertango*; *Sinfonia*  
em D e *Círculos de*  
*Pedra*